

CORES QUE CANTAM, DRAGÕES QUE SE DEVORAM:
O UNIVERSO DE CHICO DA SILVA



catálogo digital

parceria



instituto mirante

realização



MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
CE



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA



abertura

O Museu da Imagem e do Som do Ceará abriu em 02 de setembro a nova exposição “Cores que cantam, dragões que se devoram – o universo de Chico da Silva”, com curadoria do artista e professor Solon Ribeiro.

A exposição apresenta a obra do pintor de forma inédita: uma projeção audiovisual na sala imersiva, dirigida pelo artista visual Valentino Kmentt, ocupando as quatro paredes e o piso da sala de forma dinâmica e criativa.

Além da projeção imersiva, a exposição conta com uma interlocução com outras expressões artísticas e culturais, com instalação sonora, exibição de videoperformances e exposição de indumentárias artísticas assinadas por Sérgio Gurgel, Dami Cruz, Carll Souza e M. Dias Preto.

A programação paralela conta ainda com a exibição de materiais raros e inéditos, palestras e apresentações artísticas. Todas as atividades são gratuitas. O MIS integra a Rede Pública de Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com gestão parceira do Instituto Mirante de Cultura e Arte.

Evento de Abertura

O evento de abertura da exposição teve início na Praça do MIS. O momento, que foi aberto ao público, teve início com as falas institucionais, e em seguida houve a apresentação de quatro performances concebidas pelos artistas Sérgio Gurgel, Dami Cruz, Carll Souza e M. Dias Preto.

Ao final, em forma de cortejo, os visitantes foram convidados a acompanhar o grupo de artistas para a sala imersiva, onde aconteceu a última performance e, logo depois, o início da projeção

O Universo de Chico da Silva

Realizada com o apoio da Pinacoteca do Ceará, a obra que ocupa a sala imersiva festeja Chico da Silva com um mosaico de cores e sons.

Dirigida pelo artista visual Valentino Kmentt, a imersão proporcionará ao visitante um mergulho no mundo singular e mágico da chamada Escola do Pirambu, que tinha como figura central o grande pintor Chico da Silva.

A partir da incorporação e da releitura de elementos visuais característicos do grupo, no contexto da arte contemporânea e das tecnologias imersivas, a exposição celebra um dos maiores artistas que o Ceará viu surgir.

02/09
sábado
18h
praça
do MIS

programação **de abertura**

Um Chico e dois galos contra animação

Concepção e performance:
Sérgio Gurgel, Giuliano de Freitas Ferreira,
Wilbert Santos do Nascimento, Douglas Galdino

luxolúdico

Concepção: Dami Cruz
Performance: Carlos Henrique Brito

O Pescador de Pirampus

Concepção: Carll Souza
Performance: Dudu Costa

Ultramar

Concepção: M. Dias Preto
Imagem: Taís Monteiro
Performance: João Paulo Lima





o pescador de pirambus



luxolúdico

ultramar



um chico e dois galos contra animação



" CORES QUE CANTAM, DRAGÕES QUE SE DEVORAM – O Universo de Chico da Silva"

Propomos a você a liberdade de voar através da obra de Chico da Silva, o homem que, vindo do Acre, grafitava dragões, cobras, navios fantasmas e zepelins nos muros das casas dos pescadores do Pirambu e que, aos poucos, ousou lançar pinceladas expressivas sobre a tela.

Chico não poupou a vibração das cores. Usou-as sem parcimônia, de forma visceral e emocional. Suas representações de paisagens e animais revelam uma energia frenética e uma sensibilidade profunda, transmitindo uma ação que desafiou a normalidade e a ordem estabelecida, explorando novas possibilidades de expressão.

Um artista indígena, desafiou todos os preconceitos imagináveis ao ser reconhecido e premiado, rompendo barreiras e estereótipos arraigados. Menção honrosa na Bienal de Veneza de 1966, seria um fato inédito nesta conceituada bienal internacional.

Mais do que um simples olhar retrospectivo, esta exposição é um chamado a uma coexistência criativa que transcende as barreiras do tempo e conecta o passado, o presente e o futuro da arte em uma narrativa intensa.

É na busca destas conexões entre os tempos vividos, sentidos, sonhados que está o MIS Ceará. Um Museu que se abre para a experiência e para o experimento. Um Museu Laboratório que se lança rumo à pluralidade de narrativas e valoriza o dispersar das certezas para acolher inquietudes

Vamos mergulhar nesse universo rico e vibrante, onde as cores cantam e os dragões se devoram.

Solon Ribeiro

curador



A close-up portrait of a man with dark, slightly messy hair and a beard, wearing a black and white striped shirt. He is looking directly at the camera with a serious expression, his hands clasped together in front of his face, partially obscuring it. The background is a plain, light-colored wall.

Solon Ribeiro

Tem pautado seus trabalhos na experimentação com ênfase para o fenômeno contemporâneo da saturação de imagens. É formado em comunicação e arte pela L'école Supérieure des Arts Décoratifs, Paris - França. É autor dos livros "Lambe- Lambe: Pequena História da Fotografia Popular" e "O Golpe do Corte".

Participou de exposições em diversas cidades do Brasil e do exterior, dentre elas, "Quando o cinema se desfaz" - MIS São Paulo - SP e Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte - MG; "São Paulo não é uma cidade - Invenções do Centro", SESC 24 de Maio - SP; "A Fotografia em perspectiva" - Museu de Arte Moderna de São Paulo - SP; "O Cinema é Meu Playground" - Museu de Arte Contemporânea do Ceará.

Obras em Coleções Públicas:

Museu de Arte Moderna de São Paulo.
Funarte - Fundação Nacional de Arte - Rio de Janeiro/RJ.
Centro Cultural Banco do Nordeste.
Museu de Belas Artes - Rio de Janeiro/RJ.
Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães - Recife/PE.



Gerciane Oliveira

CHICO DA SILVA, UMA OBRA EM MOVIMENTO

A transposição do universo temático do pintor Chico da Silva para a experiência imersiva, ao colocar seus elementos pictóricos desprendidos do plano da tela em modo animado chama atenção para um aspecto da obra do artista acreano que sempre este ali de forma sutil ou direta, o movimento.

Ainda que não se possa afirmar que as técnicas e formas de representar empregadas por Silva e seus ajudantes do núcleo do Pirambu tenham tido a intenção de causar percepção de movimento, já que existem procedimentos que permitem que um quadro bidimensional evoque a ilusão de dinamicidade, pode-se observar, a partir de características formais, estilísticas e temáticas, a simulação de fluxo em sua pintura.

A sequência cadenciada, repetitiva, muito particular da obra de Silva (“tenho uma máquina de costura dentro do braço”, dizia ele), conformam linhas curtas e longas que em um mesmo sentido direcional provocam a ilusão de movimento. Obras como O Pára-quedista na prova da bomba, do seu período de residência no MAUC (1959-1963), exemplificam esse modo de composição. As linhas representativas da explosão, contínuas em grande parte e minimamente moduladas sugerem uma trajetória visual dinâmica que acompanham a queda ininterrupta de um braço jorrando sangue sobre o corpo caído de um paraquedista.

Na tela Oriodime a desproporcionalidade construída não só na relação que se estabelece entre as partes integrantes da imagem do pássaro (a cabeça, o tronco, o rabo), como também entre este elemento central, que domina a tela, e os demais secundários: troncos, folhagens, outros animais e outros, provocam em certa medida a formação de planos distintos que conduzem o deslocamento do olhar do observador por diferentes direções. Não há uma medida constante que os interligue coerentemente na ordenação interior da obra, a correspondência se dá de uma forma puramente arbitrária e não respeita predefinições de escalas consolidadas, tal efeito gerado pela necessidade de acomodação do olhar parece sugerir sensação de movimento.

As cores não naturalistas, cruas e chapadas, causam uma vibração intensa que se apresenta como a própria metáfora do movimento. Os tons são plasmados de maneira uniforme, sem gradações, isentos de sugestões de espaço ou profundidade tridimensional, mas que indicam diferentes texturas e volumes postos em camadas de cursos gestuais diversos, dispostos em diferentes sentidos, em intervalos de preenchimento e vazio que se guia pelo “fazer bem à vista”.

O pontilhismo que resguarda sua relação com a ancestralidade indígena ao se apresentar de forma agrupada ou dispersa produz uma espécie de diluição e segmentação da imagem. A aplicação aleatória e a irregular padronização em termos de tamanho e formato dos pontos modulam certa densidade visual que orienta o olhar observador para um trajeto em constante andamento e mudança de direção.

Na obra de Silva, o movimento encontra-se manifesto ainda, quando aves, répteis e peixes fantásticos se agitam uns com outros para competir pelo alimento ou demarcar território. Ou ainda como homem encontra resistência na natureza, por sua intrusão, sendo assim representado em sua obra por fragmentos, de forma misturada, numa fusão de mundos e prolongamento entre o homem e o animal e entre o animal e o homem (SILBERSTEIN, 1977).

Portanto, a exposição “Cores que cantam, dragões que se devoram - o universo de Chico da Silva” ao possibilitar uma nova experiência de recepção do trabalho de Chico da Silva coloca em perspectiva o elemento movimento. Se em última instância a percepção de movimento está resguardada na relação obra/espectador, nesta proposta em especial, o público ganha a oportunidade não somente de apreciar o trabalho do pintor e daqueles que compartilharam seu universo pictórico em um novo plano de ação e dinâmica, mas de se integrar a obra enquanto mais um signo visual em deslocamento, o corpo em movimento.

REFERÊNCIAS

NATHER, Francisco Carlos; BUENO, José Lino. Tempo Subjetivo e percepção de movimento em obras de arte. Revista Estudos de Psicologia, 2006, 11 (3), p. 265-274.

SILBERSTEIN, David A. Colonialismo e cultura popular: o caso Chico da Silva. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, Vol. VIII – nº51 e 2, p.219-232, 1º e 2º semestre. 1977.

1. O movimento Op Arte, por exemplo, fazia uso de padrões em branco e preto para criar ilusões de movimento em pinturas estáticas (NATHER, Francisco Carlos; BUENO, José Lino, 2006).

A close-up portrait of Gerciane Oliveira, a woman with dark, wavy hair and glasses, wearing a dark blue sleeveless top. The background is slightly blurred, showing an indoor setting with a window and some ceiling fixtures.

Socióloga da Arte, professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e integrante da rede Luso-brasileira Todas as Artes/Todos os Nomes.

Autora das pesquisas "Chico da Silva: estudo sociológico sobre a manifestação de um talento artístico" (2010) e "É ou não é um quadro Chico da Silva? Estratégias de autenticação e singularização no mercado de pintura em Fortaleza" (2015).

Atualmente ministra disciplinas de Arte e Cultura visual e Sociologia da Cultura, além de participar coletivo responsável pela criação da Pinacoteca e Memorial da UFERSA/RN.

Gerciane Oliveira

consultora

CHICO IMERSIVO

O projeto audiovisual que propomos trata de atender ao desafio de interpretar a obra e parte da vida de Chico da Silva e a Escola do Pirambu em um ambiente completamente tomado pela tecnologia digital.

Este trabalho é pensado para um ambiente e um público que demanda encantamento através do movimento, da forma, do som, de uma narrativa fluida que expande a obra original do artista.

Reproduzir em 2023 uma trajetória tão rica e importante para a arte cearense como a de Chico da Silva me exigiu como artista ir um pouco além de simplesmente expor seus quadros e sua imagem, me vi forçado a apropriar-me de sua obra, tomar emprestado um pedaço de sua trajetória, seu pincel, suas telas para assim aplicá-lo nesse novo ambiente que extrapola a fronteira da tela convencional, um ambiente multitelas, um espaço de imersão.

Meu maior desafio foi tentar criar um diálogo de períodos artísticos, de escolas, de técnicas e linguagem.

O roteiro e a concepção artística deste projeto foi concebido no intuito de proporcionar ao público participante uma experiência dinâmica e sensorial, uma experiência que apresenta parte da obra e da trajetória a partir de fragmentos, colagens, estímulos sonoros que dialogam com a essência criada pelo artista. Neste caso, cores, texturas, elementos dos quadros e técnicas utilizadas são reproduzidas neste produto audiovisual em ordem de aproximar o público não apenas das figuras mas também das principais características que marcam a relevância que estes artistas têm para o campo da arte cearense.

Valentino Kmentt



Valentino Kmentt

Artista visual, videomaker e produtor cultural, apresenta obras em formato audiovisual que variam entre documentários, videoinstalações e projeções mapeadas.

Fundador do estúdio **Misteria Mapping**, organização dedicada à produção e criação de artes visuais projetáveis e trilhas sonoras, realizadora do Abstrata - Festival Internacional de Videomapping de Fortaleza.





**gabriel
ferreira**

**thiago
costa**

**fabiele
lacerda**



**ivan
timbó**



**valentino
kmentt**

03/09
domingo

18h

programação
de abertura

Exibição de **"Chico da Silva"** (1976),
com a presença do diretor
Pedro Jorge de Castro

praça
do MIS





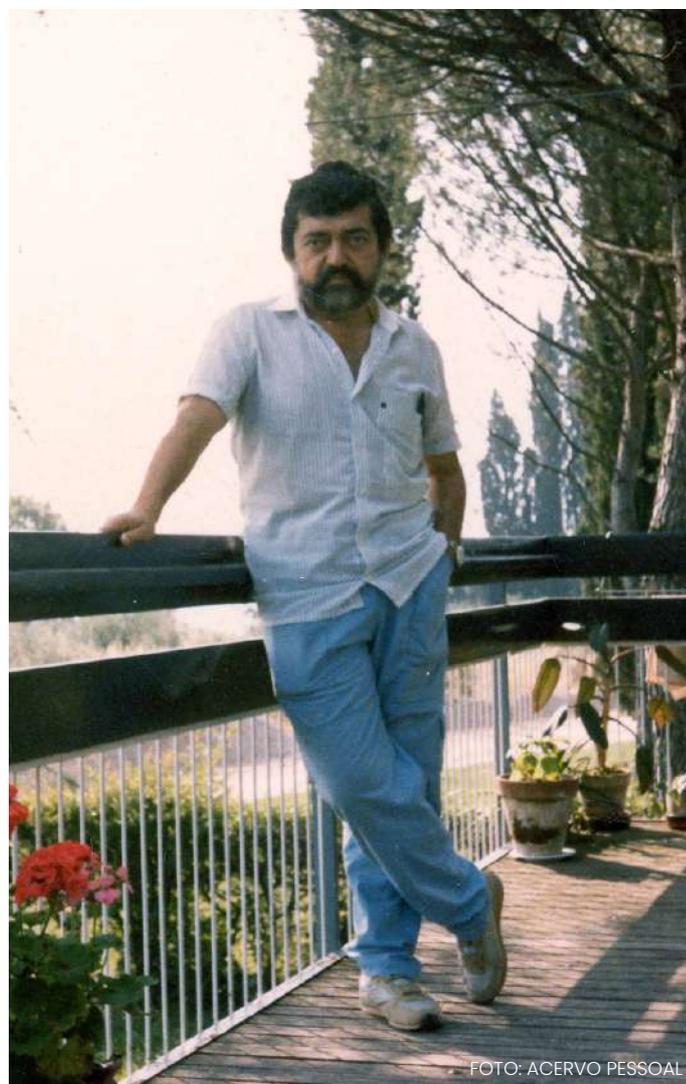
exibição de "Chico da Silva (1976)"

com a presença do diretor
Pedro Jorge de Castro

Um dos momentos de maior destaque dentro da programação paralela à exposição foi a exibição do filme "Chico da Silva", documentário de curta-metragem em 35mm produzido em 1976. A direção é do cineasta Pedro Jorge de Castro, com direção de fotografia de Walter Carvalho. A obra ganhou o prêmio de Melhor Filme na categoria Artes Plásticas na I Mostra Nacional de Filme Documentário realizada em Curitiba em 1976. A exibição aconteceu em 03 de setembro, na Praça do MIS. O diretor Pedro Jorge de Castro estava presente e conversou com o público após a exibição.

O documentário concentra-se nos depoimentos do próprio Chico da Silva, uma raridade considerando-se a escassez de registros sonoros e visuais disponíveis do artista. O resultado é uma obra que oferece uma perspectiva autêntica do artista e sua obra. O filme, que explora o cenário do bairro Pirambu em Fortaleza, não apenas capta a essência da obra de Chico da Silva, mas também oferece uma visão profunda de sua conexão com a comunidade e a cidade.

No contexto da inauguração da exposição "Cores que cantam, dragões que se devoram: O universo de Chico da Silva" os negativos deste importante documentário foram generosamente doados pelo diretor Pedro Jorge ao Museu da Imagem e do Som do Ceará, que realizou em seu Laboratório de Preservação, Conservação e Digitalização um minucioso processo de restauração e digitalização em 4K.



A portrait of Pedro Jorge de Castro, an older man with grey hair, wearing a dark blue blazer over a light pink shirt. He is looking directly at the camera with a serious expression. The background is dark and out of focus.

pedro jorge de castro

João Paulo Vieira



Coordenador de Acervo e Pesquisa do MIS Ceará

Museu da Imagem e do Som do Ceará realiza restauração digital em 4k do documentário "Chico da Silva" (1976) e promove exibição aberta ao público com a presença do diretor Pedro Jorge de Castro



O filme busca retratar a intersecção entre Chico da Silva em seu contexto criativo, um objetivo que se alinha com a sinopse original produzida para o documentário que segundo Pedro Jorge "tenta retratar não somente a obra do Chico, mas o próprio Chico com o seu meio, seu trabalho, encerrando em seu mundo, que é o bairro do Pirambu, em Fortaleza, sem perceber a dimensão da obra e do estilo que criou".

Assim, o documentário mergulha no cotidiano do artista, destacando seu relacionamento com a comunidade, incluindo lavadeiras, pescadores e criadores de galos de briga do bairro.

A produção de "Chico da Silva" envolveu uma equipe talentosa, incluindo Pedro Jorge de Castro, cineasta e professor do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UNB), como diretor e produtor, Walter de Carvalho na direção de fotografia, e Manfredo Caldas na montagem do filme. Resilda Gouveia e Evaristo Neto contribuíram como assistentes de direção e fotografia, respectivamente.

O documentário "Chico da Silva", dirigido por Pedro Jorge de Castro em 1976, é uma janela fascinante para a vida e o ambiente do renomado artista plástico primitivista Chico da Silva. O filme, que explora o cenário do bairro Pirambu em Fortaleza, não apenas capta a essência da obra de Chico da Silva, mas também oferece uma visão profunda de sua conexão com a comunidade e a cidade em que viveu e deu vida às suas criações.

Filmado ao longo de 10 dias, no período de 10 a 20 de março de 1975, utilizando película em formato de 35mm, o documentário possui 11 minutos de duração. Produzido com recursos particulares e o apoio da Universidade Federal do Ceará, o filme ganhou o prêmio de Melhor Filme na categoria Artes Plásticas na I Mostra Nacional de Filme Documentário realizada em Curitiba, de 12 a 16 de outubro de 1976.

O cineasta cearense Pedro Jorge de Castro dirigiu o filme, utilizando as lentes do cinema para capturar o cotidiano de Chico da Silva e seu universo criativo. O documentário concentra-se nos depoimentos do próprio artista, uma raridade, considerando a escassez de registros sonoros e visuais disponíveis de Chico da Silva. O resultado é uma experiência imersiva que oferece uma perspectiva autêntica do artista e sua obra.

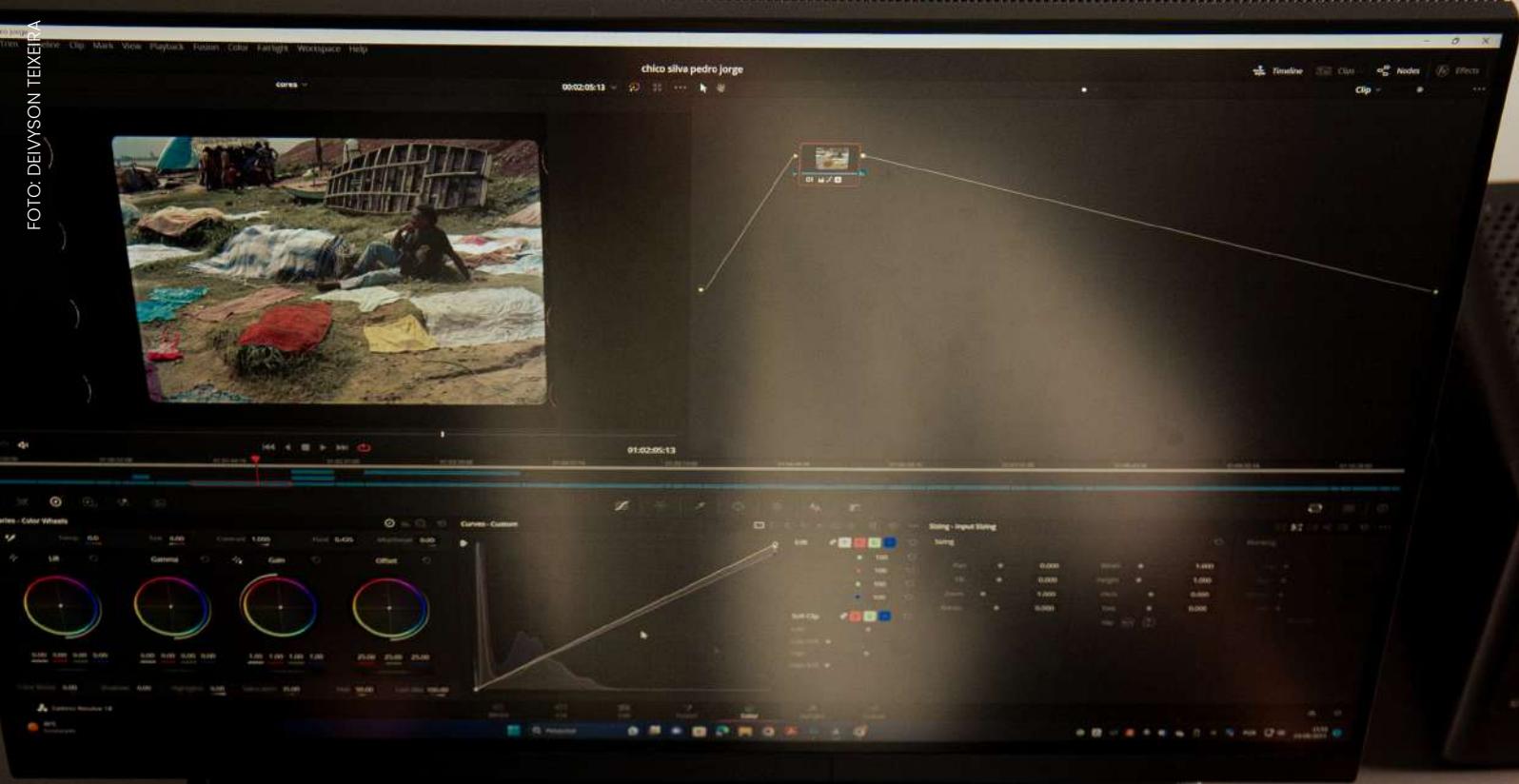
O legado de "Chico da Silva" se estende muito além do filme. Ao capturar momentos cruciais da vida do artista, Pedro Jorge de Castro nos deu acesso a um pedaço da história da arte brasileira.

Através do olhar singular deste filme, somos lembrados da capacidade do cinema documental de preservar a vida e a criatividade de pessoas como Chico da Silva, lançando luz sobre a profundidade do espírito humano e suas expressões únicas.

No contexto de inauguração da exposição "Cores que cantam, dragões que se devoram: O universo de Chico da Silva" os negativos deste importante documentário foram generosamente doados pelo diretor Pedro Jorge ao Museu da Imagem e do Som do Ceará, que realizou um minucioso processo de restauração e digitalização em 4K em 2023.

O lançamento da cópia restaurada do filme ocorreu no dia 03 de setembro com a presença do diretor Pedro Jorge de Castro.

FOTO: DELVIVSON TEIXEIRA





O UNIVERSO de Chico da Silva

1943, fim de tarde na pequena Praia Formosa, localizada no Pirambu, zona oeste de Fortaleza. A brisa do mar envolvia as casas de pescadores locais, testemunhando a ação de um homem singular.

Francisco Domingos da Silva nasceu nas margens do alto-Tejo, em uma região próxima à fronteira com o Peru, no território do Acre.

Seu pai era peruano, dono de barcos, e sua mãe, cearense. Durante sua infância, Chico da Silva foi criado pelos indígenas da região, depois passou um período sob os cuidados dos missionários.

Aos 6 anos, chegou ao Ceará. Seu primeiro destino foi Quixadá, onde passou parte da infância e adolescência. Aos doze anos, transferiu-se para a serra de Guaramiranga, onde viveu até a idade adulta. Posteriormente, mudou-se para Fortaleza, onde estabeleceu-se como morador do Pirambu.

No entanto, a contribuição de Chabloz para o estado do Ceará foi muito além dos domínios dessa campanha. Sua influência na cena artística foi significativa, desempenhando um papel crucial ao impulsionar o despertar de ideias modernistas nas artes da região.

Graças ao apoio e incentivo de Chabloz, Chico teve sua primeira oportunidade. Em 1943, suas obras foram apresentadas ao público pela primeira vez, no III Salão Cearense de Pintura e, em seguida, no Salão de Abril, ambos eventos em Fortaleza. Essa exposição marcou o início da carreira expositiva de Chico da Silva e abriu as portas para novas oportunidades.

Em 1948, com a partida de Chabloz de volta para a Europa, Chico da Silva enfrentou um período de incertezas em sua trajetória artística. Sem a presença e o apoio de seu mentor e protetor, sua produção artística foi temporariamente interrompida e ele se afastou das atividades relacionadas à pintura.

O Pirambu, com sua atmosfera única e envolvente, tornou-se palco de um encontro mágico, entre dois artistas com origens e experiências distintas.

Chico da Silva dava vida a dragões, cobras, navios fantasmas e zepelins, grafitando com carvão, giz e cacos de telhas os muros das humildes moradias dos pescadores.

A originalidade expressiva da arte de Chico da Silva provocou uma profunda admiração no artista suíço Jean Pierre Chabloz, que, impressionado, forneceu os primeiros materiais de pintura, como guache, nanquim, pastel, lápis, penas e pincéis, e atuou como seu grande mentor.

Artista plástico, crítico de arte, publicitário, músico e agitador cultural, o artista suíço chegou a Fortaleza em 1943, convidado para atuar como responsável pela propaganda da “Campanha da Borracha”, cujos cartazes buscavam convencer os cearenses a migrarem para a região Amazônica durante a Segunda Guerra Mundial.



FOTO: DEIVYSON TEIXEIRA

No entanto, a contribuição de Chabloz para o estado do Ceará foi muito além dos domínios dessa campanha. Sua influência na cena artística foi significativa, desempenhando um papel crucial ao impulsionar o despertar de ideias modernistas nas artes da região.

Graças ao apoio e incentivo de Chabloz, Chico teve sua primeira oportunidade. Em 1943, suas obras foram apresentadas ao público pela primeira vez, no III Salão Cearense de Pintura e, em seguida, no Salão de Abril, ambos eventos em Fortaleza. Essa exposição marcou o início da carreira expositiva de Chico da Silva e abriu as portas para novas oportunidades.

Em 1948, com a partida de Chabloz de volta para a Europa, Chico da Silva enfrentou um período de incertezas em sua trajetória artística. Sem a presença e o apoio de seu mentor e protetor, sua produção artística foi temporariamente interrompida e ele se afastou das atividades relacionadas à pintura.

O UNIVERSO DE CHICO DA SILVA



Enquanto Chico voltava a viver de pequenos trabalhos temporários em Fortaleza, Chabloz assumiu a tarefa de apresentar a obra do artista em diversos países da Europa. O texto "UM ÍNDIO REINVENTA A PINTURA", escrito por Chabloz e publicado na conceituada revista francesa Cahiers D'Art, despertou interesse e curiosidade da crítica, levando a arte de Chico da Silva a ser reconhecida além das fronteiras do Brasil.

Com a volta de Chabloz a Fortaleza em 1959, um novo capítulo se iniciou na vida de Chico da Silva. Chabloz apresentou Chico ao Reitor Antônio Martins Filho, compartilhando com ele o sucesso das exposições de Chico na Europa e a magnífica receptividade que suas obras haviam obtido.

O Reitor, impressionado com a arte vibrante e autêntica de Chico da Silva, tomou a decisão de contratá-lo, e ofereceu-lhe uma colocação no Museu de Arte da Universidade do Ceará, que estava em processo de implantação naquela época.

A acolhida no Museu de Arte da Universidade do Ceará deu a Chico a possibilidade de mostrar sua arte e de se conectar com outros artistas e intelectuais da região.

A partir de então, sua obra passou a ser mais conhecida e apreciada, ganhando reconhecimento e apreciação nas galerias do sul do Brasil.

Com a crescente demanda por seus quadros, Chico tomou uma decisão importante em sua carreira: ele optou por deixar seu emprego no Museu de Arte da Universidade do Ceará para dedicar-se integralmente à sua arte e, para atender os pedidos do mercado em expansão, percebeu que precisava de auxiliares para acompanhar sua produção artística.

Chico optou por criar uma espécie de ateliê no qual jovens talentosos do bairro do Pirambu pudessem se envolver com a arte da pintura.

Essa colaboração de Chico com seus auxiliares não só permitiu que ele atendesse a uma procura cada vez maior por seus quadros, mas também contribuiu para o desenvolvimento e o fortalecimento da cena artística local.

Esses jovens, todos eles crianças e adolescentes, aprendiam e cresciam juntos. Cada um com sua individualidade, mas todos compartilhando uma origem comum: o fazer artístico inspirado por Chico.



O UNIVERSO DE CHICO DA SILVA

Dentre esses jovens, destacam-se:

Sebastião Lima de Paula (Babá): Um jovem promissor, cuja paixão e dedicação à arte eram evidentes. Seu apelido, "Babá", era tão carinhosamente dado, refletindo talvez uma ternura inerente à sua natureza ou à maneira como se aproximava da arte.

José Cláudio Nogueira (Claudionor): Com um olhar penetrante e uma habilidade inata, Claudionor trazia uma perspectiva única à arte, buscando sempre inovar e surpreender.

José Garcia dos Santos Gomes (Garcia): Garcia, um artista que combinava técnica e emoção, sempre se mostrou interessado em explorar novas formas e estilos, fazendo com que suas obras fossem tão versáteis quanto envolventes.

José Ivan de Assis (Ivan): Ivan, com sua abordagem única e sua paixão inabalável pela arte, era capaz de capturar a essência da vida e da natureza em suas criações.

Francisca da Silva (Chica da Silva): Carinhosamente conhecida como "Chica da Silva", a filha de Chico herdou não apenas o nome, mas também a paixão e o talento de seu pai. Ela se tornou uma força artística por direito próprio, inspirando-se tanto em sua herança familiar quanto em sua visão pessoal.

A colaboração e a inspiração mútua entre esses jovens artistas e seu mentor Chico da Silva resultaram em uma manifestação de arte coletiva que deixou uma marca permanente na história cultural do bairro de Pirambu e de Fortaleza como um todo.

Ao trabalhar ao lado de Chico da Silva, eles puderam aprender com sua técnica e vivenciar a magia e a liberdade da criação artística.

Através dessa troca de conhecimentos e experiências, a Escola do Pirambu foi se formando e se consolidando como um importante centro de produção e difusão da arte na região oeste de Fortaleza.

Chico da Silva deixou um legado significativo na história da arte brasileira, tanto por sua própria



produção artística quanto por sua influência como mentor e fundador da Escola do Pirambu. Em 1966, Chico da Silva teve três de seus trabalhos agraciados com menção honrosa na Bienal de Veneza.

Esse reconhecimento internacional foi um marco significativo em sua carreira, consolidando sua posição como um artista inovador e inspirador. Suas obras continuam viajando pelo mundo: Moscou, Lisboa, Paris, Espanha.

Ao levar sua arte para além das fronteiras do Brasil, Chico da Silva abriu importantes diálogos sobre identidade, ancestralidade e diversidade artística.

A exposição "Cores que Cantam, Dragões que se Devoram - o universo de Chico da Silva" busca proporcionar aos visitantes uma oportunidade de imersão no universo singular e mágico de Chico da Silva.

Essa exposição é um convite para você se deixar levar pelas cores, pela imaginação e pelos elementos simbólicos que compõem seu universo artístico.

Bom voo!

Solon Ribeiro









CORES QUE CANTAM, DRAGÕES QUE SE DEVORAM - O Universo de Chico da Silva

Solon Ribeiro

Curadoria

Gerciane Oliveira

Consultoria

VIDEO MAPPING

Valentino Kmentt

Direção/roteiro/produção

Thiago Costa

Animação 2D

Ivan Timbó

Trilha sonora

Valentino Kmentt

Direção de arte

Gabriel da Silva e Valentino Kmentt

Design visual

Fabiele Lacerda

Recortes de imagens

FICHA TÉCNICA

DIGITALIZAÇÃO DE ACERVO

Laboratório de Preservação, Conservação e Digitalização do MIS:

Alan Emmanuel
César Barreto
David Felício
Gabriela Danta
Raimundo Batista

AGRADECIMENTOS

Conteúdos gentilmente cedidos por:

Hélio Rôla
Homero Cals
Júlio Mesquita
Lincoln Machado
Marcilea Ponte de Oliveira
Pedro Jorge
Pinacoteca do Ceará
Sculpt Galeria/Marília Cidrão
Vânia Martins





filme “Chico da Silva” (1976), diretor Pedro Jorge Castro

A cópia do filme “Chico da Silva” foi digitalizada em 4k e restaurada digitalmente pelo Laboratório de Preservação, Conservação e Digitalização do MIS.

FICHA TÉCNICA

DIGITALIZAÇÃO DE ACERVO

David Felício

Gabriela Dantas

Inspeção e digitalização

Marcelo Rossas

Tratamento de Som

Alan Emmanuel

Correção de Cores e restauro digital

João Paulo Vieira

Raimundo Batista

Pesquisa e documentação

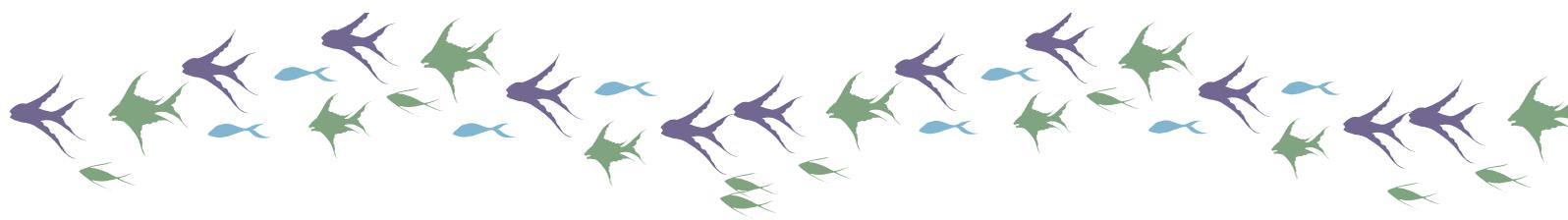
Gil Sousa

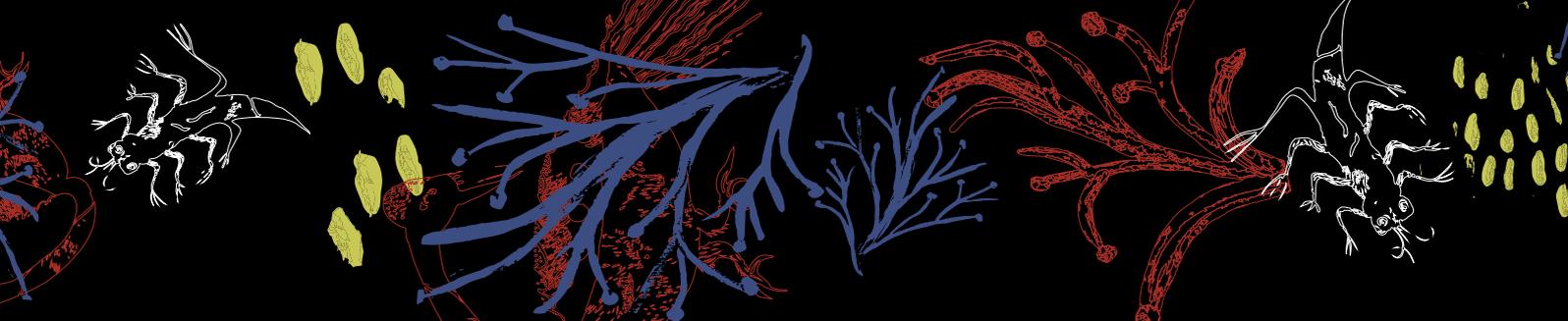
Legendas

Nicolle Campos

Mikael da Silva

Acessibilidade em Libras





**paisagens
sonoras**

FICHA TÉCNICA

Luana Moreno Santana
Celio Freire de Sousa
Agata Sophia Ferreira Santos





EXPEDIENTE COMUNICAÇÃO

Camile Queiroz

Coordenadora de Comunicação

Wlândia Costa

Analista de Mídias Sociais

Marcus Monteiro

Designer

Deivyson Teixeira

Fotógrafo

Natália Magalhães

Videomaker

Caio Alves

Estagiário



CORES QUE CANTAM, DRAGÕES QUE SE DEVORAM:
O UNIVERSO DE CHICO DA SILVA

parceria



realização

instituto
mirante

M I S

MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM
CE



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

catálogo digital



mis-ce.org.br



misce.ascom@institutomirante.org



[@mis_ceara](https://www.instagram.com/mis_ceara)



Museu da Imagem e do Som do Ceará



Av. Barão de Studart, 410 - Meireles

